

VIAGEM NO TEMPO

Leandro Cruz

viagemnotempo@gmail.com

Futebol, paixão mundial

(parte 2)

No planeta em formato de bola, o futebol é o esporte mais popular em todos os continentes. No gramado, os sul-americanos, mesmo que baixinhos e fracotes, dão show desde que a bola rola neste mundo que gira.

Nasci numa cidade em que tamanho é documento. Em Franca, bem na divisa de São Paulo e Minas, nos postes de luz a molecada pendura aros de bicicleta e tábuas para improvisar tabelas de basquete. Lá, os grandões da escola que integram o time do bola-aocesto são os mais admirados pelas meninas. Os prefeitos, quando querem votos, constroem quadras de cimento e tabelas na altura profissional. Até hoje, com meus 1,83 metros de altura, continuo sendo o “baixinho da família” e faz tempo que não me arrisco a jogar o esporte mais popular da cidade com os meus primos.

Não tem jeito: quando alguém passa a bola pra mim, sempre surge um mais alto para interceptar. A bola bate no aro, eu pulo para tentar o rebote e sempre chega um grandão para pegar a redonda antes. Quando eu arremesso, acabo tomando um “toco” humilhante de algum grandalhão que sobe mais que a bola em sua trajetória rumo à cesta. Confesso que prefiro assistir ao basquete a qualquer outro esporte. É emocionante estar na arena do Pedrocão, o resultado pode mudar até no último segundo e qualquer erro



pode ser decisivo. Mas eu sempre soube que jamais estaria ali com os gigantes, jamais sequer fui a uma “peneira” do Franca Basquete como outros meninos da escola. Alguns seguiram carreira, e até um menino que jogava com meus primos, Anderson Varejão, foi pra Espanha e depois para a NBA, feito que por mais que eu quisesse, jamais teria conseguido por limitações inclusive físicas.

Mas na chácara do meu padrinho, o esporte era o futebol. Adultos e crianças, grandões e baixinhos estavam em campo. Com a bola no chão, a história era outra. Vez ou outra alguém passava para o “Lezinho”, que corria velozmente pela lateral, atravessava o campo feito um foguete e acabava, não raramente, fazendo a rede balançar. Nessa hora eu era Biro-Biro, Neto, Marcelinho, Romário...

Acontece que no futebol você não precisa ser alto, como no vôlei e no

basquete, nem tem que ter o corpo em formato de triângulo invertido como na natação, nem tem que ser truncado como no judô. No futebol, você pode ter outros atributos. Você pode ser bom por ser forte, mas pode também ser rápido, ou estrategista, ou habilidoso, ou bom de mira, ou resistente, ou malandro. Cada um se destaca por características diferentes, mas **TÓDO** homem com duas pernas (a grande maioria) pode desenvolver bem suas habilidades e se tornar um herói. Até a questão “disciplina” é relativizada, uma vez que as partidas mais difíceis são decididas por quem joga um futebol mais brincalhão e solto.

Acho que os povos da América Latina descobriram isso antes de todo mundo, há milhares de anos. Séculos antes de os europeus chegarem aqui (muito mais séculos ainda antes do Charles Miller), civilizações indígenas já batiam uma bolinha. Olmecas, maias e astecas praticavam esportes bem parecidos com o

futebol. Nas lendas do Popol Vuh (principal livro maia), mortais enfrentavam, de igual para igual, deuses e criaturas do submundo.

Uma das grandes maravilhas dos futebolistas nativos americanos para o chinês, por exemplo, é que aqui a gente tinha borracha (tirada das árvores) o que nos deu bolas bem melhores do que as bolas de couro recheado com tecido que tinham na Europa, as de bambu do Japão e as cabeças de adversários mortos que usavam no futebol chinês (veja artigo da semana passada). Uma diferença que faz a polêmica sobre a bola da Copa parecer uma bobagem.

O campo era bem comprido (variava, mas em média de era sete metros por 70). Nas laterais havia rampas, escadas ou muros (os caras podiam subir aí, dificilmente a bola saía) e as partidas podiam ser disputadas desde com um jogador pra cada lado ou entre equipes de até sete jogadores. O objetivo era levar a bola até o fundo do campo adversário ou fazê-la passar dentro de círculos de pedra. **NÃO VALIA COLOCAR A MÃO!** O que era ótimo, pois se eu fosse um maia, poderia até mesmo desafiá-lo o Varejão pra um mano-a-mano amistoso! A verdade é que não valia pé também. O negócio era cabeçada, coxada, peitada, bundada, ombrada e etcetera na bola.

Pessoas de ambos os sexos e de todas as classes sociais, dos meninos filhos de escravos aos sacerdotes, praticavam o esporte, que teve diversas denominações e variações na regra. Mas as partidas oficiais tinham caráter religioso (por isso os campos eram construídos na maioria das vezes junto aos templos), simbolizando uma luta entre forças cósmicas e envolvia até sacrifício humano. No entanto, quem tinha o coração arrancado não eram os perdedores, mas sim os campeões. Só que para eles, diante da perspectiva de uma vida pós-morte honrosa na companhia dos deuses.

D. IRINEU WILGES

bispow@bol.com.br

Conversando com o povo de Deus (490)

A história da Igreja no RS. A vinda das Congregações(9)

Esqueci-me de acrescentar à conversa da semana passada que os redentoristas (CSSR) chegaram em 1920 a Pelotas e em 1928, a Cachoeira do Sul. O convento dos mesmos foi comprado pela Diocese em 1994 e transformado em centro de formação. O ex-arcebispo de Porto Alegre, Dom Altamiro Rossato, viveu diversos anos no convento como missionário.

Quero concluir a “História da vida religiosa no RS”, dizendo que além das congregações católicas vieram também não-católicos, como os metodistas, em 1886, que fundaram o Colégio Americano em Porto Alegre e outros pelo interior do estado. Os luteranos (IELB) fundavam o Instituto Concórdia em 1902. Os episcopalianos, em 1912, o Colégio Cruzeiro. Os colégios deles, influenciados pela ética religiosa e pela cultura anglo-saxônica, enfatizavam mais os aspectos pragmáticos e operacionais. Por isso, os alunos saídos de suas fileiras se achavam mais habilitados para a nova realidade emergente. Aqui em Cachoeira do Sul, muitas famílias mandavam os seus filhos estudarem no colégio luterano, o Rio Branco. Mas ambos os colégios católicos

e não-católicos tinham o mesmo objetivo: preparar as elites para o novo tipo de vida, diferente do RS agrário tradicional. As virtudes que deviam brilhar eram a pontualidade, a moderação, o controle, o apreço pelo trabalho, o cálculo exato, a persistência, o método, que deram a sua contribuição para o capitalismo iniciante.

A industrialização e a urbanização, que a Igreja ajudara a construir, voltavam-se contra a Igreja rural. Elas levam à secularização, que é a libertação do homem do controle religioso, do controle do metafísico sobre a razão e a linguagem. A religião que dominava tudo, que impregnava tudo, torna-se cada vez mais algo privado. Os colégios católicos não conseguiram mais formar líderes cristãos e feriram-se tornando colégios para todos os que queriam estudar, nem exigindo mais que os professores sejam católicos. O Estado começou ele mesmo a construir colégios de ensino gratuito, competindo com os colégios confessionais. Começou a intervir cada vez mais nos colégios privados através de leis que dificultam o funcionamento dos mesmos. Assim, os colégios católicos começaram a se restringir aos “filhos de papai”. Eles se tornam classis-

tas. Pra que ainda colégio católico? Também os hospitais estaduais aumentam cada vez mais. As vocações religiosas, principalmente femininas, diminuem violentamente por causa da queda violenta da natalidade. Os casais não querem ter mais de dois filhos. A sociedade de consumo não permite, dizem eles.

Num primeiro momento, pensou-se em reconstruir o mundo da cristandade através das rádios católicas, da TV católica, do jornal católico, mas aos poucos se viu que o caminho não era por aí. Não era possível competir com o capitalismo. Além disso, a mídia católica tinha que se sustentar regendo-se por princípios capitalistas. Viu-se que é melhor aceitar o mundo que está aí, procurando ser como fermento ao dar testemunho de vida cristã. A Igreja também cria a consciência da existência da pobreza de nosso povo. Está convencida de que os projetos capitalistas e neoliberais não são capazes de libertar as grandes massas de oprimidos. As ordens e congregações religiosas começam a pensar em refundação. Com a Igreja da América Latina, fazem a opção preferencial pelos pobres. O resultado foi que hoje nós encontramos as religiosas(os)

inseridas(os) em meios populares, trabalhando pela promoção da mulher, da mulher negra, da mulher prostituta, da mulher indígena, na pastorais sociais (como a pastoral da criança), do menor, da juventude, do idoso, da saúde, da sobriedade, da carcerária, da AIDS e da terra, engajados nas CEB's, nos assentamentos, na luta pela paz, justiça e ecologia, na educação política. Hoje nós encontramos religiosas na pastoral paroquial até mesmo cuidando de paróquias como “vigárias”, por falta de sacerdotes. Há irmãs que são teólogas, dentistas, psicólogas, enfermeiras, assistentes sociais. Sem dúvida, o número dos religiosos diminuiu muito e vai continuar a diminuir. Está se perdendo em número, mas há um aumento de qualidade. Há um novo fervor. O RS está exportando missionários para outros estados e países.

O grupo político que teve mais sensibilidade para o momento social novo foi o Partido dos Trabalhadores. É esta a realidade no ano em que celebramos os 100 anos da criação da Arquidiocese de Porto Alegre, com as dioceses sufragâneas de Pelotas, Uruguaiana e Santa Maria.